



---

**UM NOVO TEMPO, APESAR DOS PERIGOS: ATUAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA - A VOZ DAS EDUCADORAS!**

---

***A NEW TIME, DESPITE THE DANGERS: TEACHING PERFORMANCE IN BASIC EDUCATION IN THE CONTEXT OF CYBERCULTURE - THE EDUCATORS' VOICE!***

---

***UN NUEVO TIEMPO, A PESAR DE LOS PELIGROS: DESEMPEÑO DIDÁCTICO EN EDUCACIÓN BÁSICA EN EL CONTEXTO DE LA CIBERCULTURA - ¿LA VOZ DE LOS EDUCADORES!***

---

Aurinete Alves Nogueira<sup>1</sup>  
Aleandra de Paiva Nepomuceno<sup>2</sup>  
Francisca Regiane Sabino de Sousa<sup>3</sup>  
Francisca Geny Lustosa<sup>4</sup>

## RESUMO

Esse artigo explicita o contexto do trabalho remoto emergencial (pandemia Covid-19) e o novo “desenho” delineado para o processo de ensino-aprendizagem. O referencial teórico contempla autores como Sperandio (2018), Silva (2010), Lévy (1999), Castells (1999), Moura (2006) e Santos (2006) para reflexões sobre ciberultura e seus dispositivos, desafios e conceitos, e Tardif (2002) e Lustosa (2020) sobre saberes e formação docente. Pesquisa de abordagem qualitativa, com assento na cartografia (DELEUZE; GUATARRI, 2011), constituída de narrativas das professoras-pesquisadoras-autoras, registros de diários de campo, planejamentos de aulas no âmbito do trabalho remoto, consulta a normativas, pareceres e portarias designando o ensino remoto nacional e da rede municipal de Fortaleza e informações advindas de outras pesquisas realizadas junto a professores(as) da educação básica, no âmbito de todo o país. As narrativas apontam para a emergência de novos saberes-fazer docentes, além dos desafios, considerando avanços, retrocessos e limites, dentre eles destacam-se as dimensões que se tornaram mais laboriosas, indicando doenças como cansaço extremo e infotoxidade. Os resultados evidenciam um processo inédito de reinvenção de saberes, em maior grau de intensidade, com apropriação de conhecimentos sobre recursos,

---

**Submetido em:** 15/06 /2021 – **Aceito em:** 03/11/2021 – **Publicado em:** 17/12/2021.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (UFC), Especialista em Gestão Educacional (Uni7), professora da rede Municipal de Fortaleza. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-0457-2674>>.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia (UECE), Especialista em Alfabetização de Crianças (UECE), professora da rede Municipal de Fortaleza. <https://orcid.org/0000-0001-5012-7112>.

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia (UFC), Especialista em Alfabetização e Letramento (UNESA), professora da rede Municipal de Fortaleza <https://orcid.org/0000-0001-9426-8873>.

<sup>4</sup> Pós-doutora em Educação (ProPEd/NEPHE/UERJ). Professora da Faculdade de Educação Universidade Federal do Ceará (UFC/FACED) e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenadora do Grupo Pró-Inclusão: Pesquisa e Estudos sobre Educação Inclusiva, Práticas Pedagógicas e Formação de Professores (site: [www.proinclusao.ufc.br](http://www.proinclusao.ufc.br); Ig: @proinclusao\_ufc). Pesquisadora-membro da Associação Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (AIIIPe). Membro da Comissão de Direitos Humanos do Estado do Ceará. Pesquisadora com financiamento Funcap (DEP-0164-00190.01.00/19 SPU Nº: 1910584883 EDITAL 03/2019). ORCID: <<http://orcid.org/0000-0002-6143-9549>>.

produtos tecnológicos, plataformas *streaming*, etc. Quanto ao fazer pedagógico, vislumbramos precariedades e dificuldades que caracterizam o tipo de inclusão e letramento digital (subalterno e/ou periférico e seletivo), baixas condições socioeconômicas das famílias, que repercutem em impossibilidades de acesso à *internet* e a equipamentos tecno-informacionais capazes de realizar produções colaborativas, em rede, com interatividade, interconectividade e hipertexto, dentre outras características alinhadas aos contextos da ciberultura.

**Palavras-chave:** Ciberultura. Docência. Ensino remoto emergencial. Saberes-fazer.

#### ABSTRACT

This article explains the context of emergency remote work (Covid-19 Pandemic), and the new “design” outlined for the teaching-learning process. The theoretical reference includes authors such as Sperandio (2018), Silva (2010), Lévy (1999), Castells (1999), Moura (2006) and Santos (2006) for reflections on cyberculture and its devices, challenges, and concepts and Tardif (2002) e Lustosa (2020), about knowledge and teacher training. Qualitative approach research, based on Cartography (DELEUZE; GUATARRI, 2011), consisting of narratives of teachers-researchers-authors, field diaries records, lesson planning in the field of remote work, consultation of regulations, Official Opinions and Ordinances designating both the national and municipal remote teaching in Fortaleza, as well as some information from two other surveys carried out with basic education teachers throughout the country. The narratives point to the emergence of new know-hows, in addition to challenges, by considering advances, setbacks, and limits, including the factors and dimensions that make it more laborious, indicating diseases such as extreme tiredness (infotoxin?). Results show an unprecedented process of reinvention of knowledge, with a greater degree of intensity, with appropriation of knowledge about resources, products, streaming platforms, etc. As for the pedagogical practice, we glimpse precariousness that characterize the type of inclusion and digital literacy (subaltern and selective), low socioeconomic conditions of the families, which reverberates the impossibilities of accessing the internet and techno-informational equipment capable of carrying out collaborative productions, networked, with interactivity, interconnectivity, hypertext, among other characteristics aligned with cyberculture contexts.

**KEYWORDS:** Cyberculture. Teaching. Emergency remote teaching. know-how.

#### RESUMEN

Este artículo explicita el contexto del trabajo remoto de emergencia (Pandemia Covid-19) y el nuevo "diseño" delineado para el proceso de enseñanza-aprendizaje. El referencial teórico contempla autores como Sperandio (2018), Silva (2010), Lévy (1999), Castells (1999), Moura (2006) y Santos (2006) para reflexiones sobre ciberultura y sus dispositivos, desafíos y conceptos y Tardif (2002) y Lustosa (2020) sobre saberes y formación docente. Investigación de abordaje cualitativo, con asiento en la Cartografía (DELEUZE; GUATARRI, 2011), constituida por narrativas de las profesoras-investigadoras-autoras, registros de diarios de campo, planeamientos de clases en el ámbito del trabajo remoto, consulta a normativas, Pareceres y Ordenanzas designando la enseñanza remota nacional y de la red municipal de Fortaleza e informaciones provenientes de dos otras investigaciones realizadas junto a profesores(as) de la educación básica, en el ámbito de todo el país. Las narrativas apuntan para la emergencia de nuevos saberes y realizaciones, además de los desafíos, considerando avances, retrocesos y límites, entre ellos los factores y dimensiones que hace más laboriosa, indicando enfermedades como cansancio extremo e toxicidad de informaciones. Resultados evidencian un proceso inédito de reinención de saberes, en mayor grado de intensidad, con apropiación de conocimientos sobre recursos, productos, plataformas de transmisión, etc. En cuanto al hacer pedagógico, vislumbramos precariedades que caracterizan el tipo de inclusión y aprendizaje digital (subalterno y selectivo), bajas condiciones socioeconómicas de las familias, que repercute en imposibilidades de acceso a internet y a equipos tecno-informacional capaces de realizar



**producciones colaborativas, en red, con interactividad, interconectividad, hipertexto, entre otras características alineadas a los contextos de la cibercultura.**

**PALABRAS CLAVE:** Cibercultura. Docencia. Enseñanza remota de emergencia. Saber-realizar.

## INTRODUÇÃO

O momento de produção deste artigo é um contexto pandêmico de crise político-sanitária global, com impactos em todas as dimensões da vida humana e da lógica societária. Em nosso espaço de atuação profissional, que é a educação escolar, vivenciamos os desafios causados pelo isolamento social e, conseqüente, suspensão das aulas presenciais, instaurando formas de trabalho remoto emergencial, a distância e *online*, trazendo, conseqüentemente, impactos na docência, em nossas interações e nas práticas socioculturais e educacionais, em suas formas, até então, realizadas.

Nesse sentido, ainda que absortos pelo cenário de incerteza e insegurança, no contexto instaurado pela pandemia da Covid-19 e afetados(as) emocionalmente por tudo que acontecia, sentindo-nos como educadores “no olho do furacão”, ao mesmo tempo nos encontrando impelidos a nos adequar. Assim, naquele momento inicial, muita coisa estava para ser feita: era necessário se ajustar e pensar novos arranjos didáticos-curriculares e pedagógicos, estruturas organizacionais do ensino, novas produções de vivência dos dias letivos, do calendário escolar para cumprimento da carga horária mínima anual, dentre outras circunstâncias.

Diante disso, oportunamente, acreditamos que o presente artigo ganha maior relevância, posto que compartilha saberes e experiências docentes sobre o exercício da educação, vivenciadas nesse período, quanto à emergência das tecnologias e da ambiência das aprendizagens virtuais na educação escolar: na “voz” das próprias docentes!

Nesse contexto, os saberes e fazeres docentes passam rapidamente para realização em espaço digital, *online*, sendo, por certo, a vivência mais testemunhal, cabível à partilha, nos últimos tempos, considerando, a nosso ver, o que se constituiu em um “salto” experiencial na formação dos professores, quando fomos “lançados” nessa *seara* de *cibercultura*.

Sobre tal realidade, trazemos algumas indagações que organizam este texto e as reflexões nele contidas: a docência no horizonte da cibercultura implicará e exigirá dos(as) professores(as) a produção e implementação de novos saberes e novos fazeres? No contexto de



ensino remoto, vivenciado atualmente, as produções e experiências docentes podem ser tomadas como "inovações pedagógicas", considerando o referencial da cibercultura?

Por fim, visamos caracterizar as repercussões advindas desse processo para a educação e os sujeitos protagonistas. Esperamos que a discussão enfocada nesta proposta seja um importante diálogo sobre a problemática, em particular, contida nas seções que trazem os dados do estudo, assim nomeadas: “Pandemia, trabalho remoto e o novo ‘desenho’ para o processo de ensino-aprendizagem: cibercultura na educação básica?” e “Realidades e desafios do ensino virtual ou metapresencial para as crianças e jovens da escola pública brasileira”.

## **Metodologia**

A abordagem metodológica qualitativa deste estudo é constituída, fundamentalmente, de narrativas das professoras-pesquisadoras-autoras deste texto e da coleta procedida em seus registros de diários de campo, datado desse período da pandemia e de aulas não presenciais, na imersão que trouxe a perspectiva de um novo desenho para o processo de ensino e aprendizagem escolar.

A produção é composta, ainda: i) pela consulta a documentos orientadores do trabalho pedagógico docente, como normativas, pareceres e portarias quanto ao ensino remoto emergencial nacional e da rede municipal de Fortaleza (Parecer n.º 5, de 28 de abril de 2020, que dispõe sobre a reorganização do calendário escolar em razão da pandemia da Covid-19); ii) informações advindas de duas outras pesquisas que participamos junto a professores(as) da educação básica, no âmbito de todo o país, tendo como referência o ensino remoto e o panorama do trabalho docente, com destaque no decurso do isolamento social e da não presencialidade. Os dados dessas investigações fazem “eco” às situações/narrativas que dispomos em análise nessa produção.

Quanto ao método empreendido, entendemo-lo situado no que conceitua em relação ao que a literatura metodológica define, como estudos cartográficos – aqueles relativos a processos e interações sociais e, em relevo, a produção de subjetividades (DELEUZE; GUATARRI, 2011) ou, como nomeia Kastrup (2012), uma pesquisa implicada com acontecimentos em movimento.

Nessa perspectiva, implicadas na condição de docentes, neste estudo falamos de “nós”, mas também de uma coletividade maior – somos o “nós”, em cada uma das experiências que aqui relatamos e analisamos. Falamos e tratamos de forças e experiências que se fizeram coletivizar, que se ligam e se entremeiam em rizomas, interconectando-se. A experiência investigativa socializada neste texto guarda aproximações com “relatos de experiências múltiplas”, pela significação e “ecos” que apresenta e, por certo, pelas marcas de uma cartografia que lhe é prenhe e o atravessam.

### **Pandemia, trabalho remoto e o novo “desenho” para o processo de ensino-aprendizagem: cibercultura na educação básica?**

A prática pedagógica na educação básica, desenvolvida na esfera digital/virtual, ainda não era de conhecimento dos docentes e discentes, pelo menos em maioria, ao passo que realizá-la gerou muitas dúvidas e incertezas à comunidade escolar. Inúmeras perguntas surgiram quando foi irreversível adentrar nesse contexto de ensino remoto/virtual, no contexto pandêmico, de forma emergencial. Várias pesquisas (GATTI; BARRETTO, 2009; REVISTA BRASILEIRA DE ALFABETIZAÇÃO, 2020) se originaram com educadores(as), em levantamentos de dados quanto à realidade do ensino remoto, estabelecido por diretrizes nacionais e locais.

Nesse contexto contemporâneo, torna-se necessário frisar que há uma presença e diversidade das tecnologias digitais, informáticas, mediadas na comunicação e na informação via *internet* na sociedade. Castells (1999) denomina esse cenário como “Sociedade Informacional” e Lévy (1999) o nomeia de “Cibercultura<sup>5</sup>”, constituindo-se em um profícuo e célere processo sediado na diversidade de linguagens, semioses e mídias responsáveis pela produção de textos multimodais e de uma pluralidade cultural, construída pelos sujeitos contemporâneos e pelas interfaces tecnológicas.

---

<sup>5</sup> “O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17)

Vivenciamos uma revolução técnico-científica e informacional, marcada pelo avanço no campo da informática, robótica, das telecomunicações, já datado nos processos econômicos, em geral, na indústria, na agricultura e agora demandado à educação como requisito à atuação docente e ao processo de ensino e aprendizagem. Os multiletramentos estão vinculados, estreitamente, à diversidade de culturas e de linguagens integradas (em uma espécie de nichos) ao nosso cotidiano por conta dos avanços tecnológicos.

No caso da educação básica, notadamente da escola pública, esse contexto ainda não tinha chegado efetivamente. Deparamo-nos com a imprescindibilidade de renovação, reinvenção e autoconhecimento, aliada, sobretudo, à urgência de refletirmos acerca das ocorrências do mundo atual e quais os sentidos desses eventos, como podemos nos localizar e nos mover em relação a eles.

De forma muito rápida, tudo aconteceu! A pandemia e o estado de isolamento social puseram em suspensão as aulas presenciais e exigiu tomada de decisões sob de qual forma realizar o trabalho pedagógico. Então, como a escola e os professores lidaram com tal situação e o que lhes foi imposto?

Nós, educadores e educadoras, estudantes e toda a comunidade escolar, vimo-nos, abruptamente, veiculados pelas redes sociais e tecnologia da informação para divulgação formativa de nossas aulas, tais como: *Facebook, Instagram, WhatsApp, Telegram, Youtube, Tiktok e Spotify*, dentre outras mídias sociais e plataformas *de streaming (Google Meet, Zoom, RNP, Classroom, Teams, Mentimeter, Miro, Canva* e outras) e *Apps* passaram a fazer parte de nossa cotidianidade.

Com destaque, as formas adotadas pelas escolas e professores(as) foram a experimentação, tentativas e "ensaios e erros". Essa foi uma reverberação comum dos professores e professoras respondentes, em nível nacional, aos questionários de pesquisa reportados ao tema: "os(as) docentes não contaram com nenhuma orientação por parte das secretarias de educação"; "professores(as) se viram sozinhos(as) à deriva de orientações dos sistemas de ensino e equipes técnicas".

No caso de Fortaleza, em meio ao conturbado cenário social, os(as) professores(as) foram compartilhando ideias e práticas uns com os outros em seus grupos de *WhatsApp* e as sugestões foram se disseminando, instaurando-se um compartilhamento de possíveis

estratégias, recursos e procedimentos por toda a rede de ensino, como apresenta o relato de uma das professoras, que disponibilizamos a título de ilustração, a seguir:

[...] sem nenhum direcionamento de quais formas iríamos realizar nosso trabalho, o que ocorreu, na verdade, foi um grande protagonismo entre os educadores e um bonito compartilhamento de ideias e descobertas sobre as ferramentas digitais, aplicativos ou plataforma para realizar esse novo modelo de aula, naquele momento, único instrumento de trabalho (RELATO, PROFESSORA DE 2º ANO, REGIONAL IV).

Um dos primeiros passos que dei foi realizar uma reunião virtual com os pais para conversar sobre a turma, as vivências, os direitos de aprendizagem, os campos de experiência e esse novo formato de educação por meio das telas. As falas dos pais traduziam ansiedade e preocupação! (RELATO, PROFESSORA DE 2º ANO, REGIONAL II).

De início, o que ocorreu foi uma transposição mais direta do que já era realizado em “papel e tinta” ou impresso e/ou das aulas orais expositivas para o ambiente do ensino a distância (unidirecional e não interativo), com o uso possível de algumas tecnologias, em geral, usuais aos contextos da comunicação/interação social, agora utilizadas para finalidades da educação escolar – precisamos, portanto, agregar aos materiais em suporte impressos, os conteúdos e materiais *online* e digitais (SPERANDIO, 2018).

A estratégia adotada foi a realização de contatos com pais/familiares e estudantes pelo *WhatsApp*<sup>6</sup>, que figurou como a “solução” viável para aquele momento vivenciado, no início do semestre letivo, em março de 2020. De fato, o que se estabeleceu, de maneira comum a todas, foi a tentativa frustrada de “transplantar” as mesmas estratégias das aulas presenciais ao ensino remoto, como se depreende do relato da professora a seguir:

Em muitos casos, as professoras postavam as agendas pelos grupos de *WhatsApp* da turma, pediam para as crianças copiarem e responderem as tarefas do livro, seguidamente, que postassem fotos dos livros respondidos, em cumprimento da tarefa. Com o tempo, fomos percebendo que não era possível somente essa forma de proceder (DIÁRIO DE CAMPO, PROFESSORA DO 2ª ANO, REGIONAL IV).

A professora referida acima nos conta, também, como acessou informações que lhes serviram de suporte importante no período, relatando as fontes que dispôs:

Por exemplo, o aplicativo *XRecord*, que é utilizado para gravação de telas, foi uma ideia compartilhada num desses grupos de professores. Estou em um grupo que tem 257 professores e que há uma grande troca de experiências, livros em PDFs, sugestões de atividades que as professoras realizam e compartilham suas fotos-registros dessas tarefas escolares, *sticker* personalizados, avatar e emojis.

<sup>6</sup> A mesma estratégia foi relatada na pesquisa nacional, realizada por questionário *online*, em diferentes estados e regiões, como alternativa utilizada pelos professores, confirmando a adoção da medida em todo o país.

É pertinente considerar o fato de que alguns(as) professores(as) se envolveram em uma busca por conhecimentos nessa área para realização do ensino remoto, outros continuam sem conhecer ou utilizar aplicativos que podem favorecer suas aulas, como expõe a reflexão da docente a seguir:

Gravar um tutorial antes da pandemia para mim seria impossível, não conhecia as ferramentas digitais, tampouco saberia utilizá-las nas minhas aulas. Hoje, sim! Recentemente, gravei até um tutorial ensinando os outros colegas como utilizar uma dessas ferramentas (DIÁRIO DE CAMPO, PROFA. AURINETE DE 2ª ANO, REGIONAL IV).

Fica notório, nas informações que se apresentaram em nossas pesquisas, que ocorreu, em grande parte das escolas, apenas uma forma incipiente de “manter”, dentro do possível, a organização do sistema de ensino em funcionamento, operado virtualmente, por meio do esforço de gestores e educadores, apelando, quase em exclusivo, para as mídias de comunicação, uma vez que, nas condições socioeconômicas dos(as) professores(as) e estudantes da escola pública, outra situação não se vislumbrava.

O que se desenhou, basicamente, foi uma nova forma de “gestão das atividades escolares”: os(as) professores(as) não deram curso à produção de aulas que caracterizassem a implementação de uma cultura digital e tecnológica no contexto educacional do ensino remoto emergencial que realizaram, principalmente, logo de início do ano de 2020.

Foram identificados avanços nas narrativas das professoras deste estudo quanto aos *saberes-fazeres* que se agregaram às suas competências docentes nos usos das tecnologias e redes sociais e suas respectivas incorporações nas aulas, seguindo uma gradação progressiva de intensidade, ao longo desse um ano e meio em que se estende a pandemia.

Todavia, ficou aparente que não fizemos chegar até aos estudantes proposições para aprenderem com os usos, em aulas, dos mecanismos de interatividade, em coprodução colaborativa, de aprendizagem cooperativa e em rede, hoje, oferecidas pelas múltiplas possibilidades da *internet* e da cibertecnologia.

É patente, nas narrativas dos docentes, que os(as) professores(as) tiveram que se reinventar nos “novos” modos de produção docente, em função do trabalho remoto emergencial que se instaurou. Será que podemos considerar, algo semelhante, a produção de um novo *ethos* docente ou pensarmos na emergência de um novo *habitus* professoral, no sentido bourdieusiano

ou avaliar como a emergência de uma nova cultura ou de uma cibercultura para o contexto do trabalho docente e do do ensino-aprendizagem?

Porquanto, esse novo *modus operandi* agregou muitos desafios aos docentes – desde a incorporação de uma nova dinâmica e métodos próprios a uma aula *online*, que não são os mesmos do presencial, e, por sua vez, os(as) professores(as) ainda não teriam experimentado, que envolvem interação professor-aluno mediado por dispositivos digitais, fóruns, *chats*, videoaulas, explicações de tarefas e dúvidas por mensagens de voz/áudios, dentre outros. Apesar de destacarmos que esse nível de tecnologia não foi inserido na prática pedagógica dos(as) professores(as) dos anos iniciais do ensino fundamental, por certo, em virtude de a rede municipal de Fortaleza não ter criado plataforma, *site* ou portal de atividades acadêmicas com tal finalidade.

Mesmo assim, ainda que não assumida por todos, esboçaram-se pequenos “ensaaios” na incorporação de tecnologias, posteriormente tornadas internalizações mais consistentes. Todavia, no caso de alguns(as) professores(as), a reconfiguração de suas dinâmicas e recursos se fizeram por uma decisão consciente dessa necessidade, seguida pela busca de mais conhecimentos para a ação docente que urgia.

O trecho a seguir comunica a intencionalidade da professora em tentar aprimorar as atividades, essa inspirada no texto-letra da música “Janelas abertas”, de Vinícius de Moraes:

Realizei com meus alunos uma atividade que considerei super-interessante. Pedi que cada criança tirasse uma foto do que via da janela da sua casa. Coloquei as fotos enviadas pelas crianças em molduras de janelas retiradas do *app Canvas* e apresentei para a turma em forma de um vídeo que montei. Intitulamos a atividade como: “Exposição Virtual Arte na Janela”. O mais interessante foi a repercussão que a atividade alcançou. Na escola, compartilhei com todos os grupos de *WhatsApp* das outras séries, como também de outras escolas para que todos pudessem apreciar a arte captada pelos olhos dos nossos pequenos (DIÁRIO DE CAMPO, PROFA.).

A título de ilustração, dispomos alguns depoimentos que alguns pais fizeram questão de divulgar no grupo da sala de aula sobre a atividade que realizamos sobre “Arte na janela”, relatada anteriormente. Vejamos:

Uma atividade que faz as crianças mais sensíveis. Foi uma atitude muito criativa dos professores, foi uma maneira de aproximar as crianças, já que não podemos chegar próximos dos coleguinhas, ficamos próximos em fotos, em arte [...] deu para ver que as crianças sabem tirar fotos, cada qual escolheu uma posição melhor que a outra do que viam de sua janela (DIÁRIO DE CAMPO, PROFA. , REGIONAL IV).

É fato que muitos professores utilizam e ainda permanecem com o *WhatsApp* (tratado como única forma de haver mediação pedagógica, quase em exclusivo), enquanto que algumas

escolas nem isso, dependendo de sua realidade, como em alguns casos de escolas da zona rural, por exemplo.

A professora do 2º ano, de uma das escolas da rede de ensino de Fortaleza, atesta que no desejo de promover possibilidades de interação mais direta do que apenas a “gestão das atividades” pelo *WhatsApp*, e na expectativa de promover mais dinamicidade às aulas e favorecer mais a aprendizagem, pensou em aliar aulas em uma plataforma para as suas aulas remotas. O desejo era favorecer uma interação mais *face a face*, mais direta do que aquela permitida pelo envio de tarefas nos grupos de *WhatsApp*. Assim, “foi o jeito” de utilizar o *Meet*, apesar dos limites, conseguiu, um contato mais próximo, ainda que apenas uma vez por semana. A professora optou pela “contação de histórias”, como relata na partilha de seu planejamento:

Agora, estou ousando em fazer um projeto de leitura via aulas *online* (síncronas) no aplicativo *Google Meet*, desde o dia 24 de abril do corrente ano. Uma vez por semana, reunimo-nos para contar histórias. Para iniciar, escolhi o livro “Vale Encantado”<sup>7</sup>, de Oswaldo Montenegro. A aceitação das crianças é excelente. Participam, cantam, usam fantasias imitando os personagens e se envolvem nos enredos da história (DIÁRIO DE CAMPO, PROFA. REGIONAL IV).

Outro ponto marcante dessa nova configuração do ensino foi as ponderações das professoras sobre a não possibilidade de socialização e de interação na convivência presencial entre as crianças. As interações que ocorriam no ambiente escolar presencial são (re)afirmadas como importante para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural das crianças, de outra ordem, no ambiente virtual são também consideradas:

Há demonstração de maior interesse quando conseguimos utilizar *face a face* nos meios de transmissão em que nos vemos, ou seja, quando me mostro a elas, seja nas contações de histórias na plataforma, nas conversas *online* e também nas comemorações dos aniversariantes da turma *online*.

Apesar de todo esse tempo de distanciamento, percebo o carinho e atenção dos pequenos e que a aprendizagem pressupõe esses vínculos afetivos e o uso significativo das tecnologias digitais/educacionais (DIÁRIO DE CAMPO, PROFESSORA ).

---

<sup>7</sup> Este livro conta a história de um vale em que todos os personagens dos contos de fada ficam atentos aos chamados dos alto-falantes, para, a qualquer momento, entrar na vida e nos sonhos das pessoas. Como sugestão, indicamos, também, que existe a produção do mesmo autor/compositor de um CD com 13 músicas que também podem ser exploradas no contexto de um projeto de ensino ou do desenvolvimento de outras atividades criativas junto às crianças”. Todos esses gêneros podem trazer mais ludicidade e significação à aprendizagem escolar da alfabetização das crianças, uma vez que atuam como motivadores e criam contextos ricos de interações discursivas.

Assim, a nova realidade didática que se instaura no trabalho docente passa a envolver: localização de materiais nos acervos digitais já disponíveis (bibliotecas digitais, consultas no *Google*), atividades digitais com conteúdos curriculares já disponíveis na rede, transposição para suportes digitais de gêneros tradicionalmente impressos, como: cordel, fanzine, livros de literatura infantil e infanto-juvenil; *slides/powerpoint* para apresentações de conteúdos disciplinares, de certa forma já usuais; seguidamente, as professoras atestam que passam a se esforçarem para a produção própria de mídias e materiais digitais para as atividades e aulas – animações, *podcasts*, *Fly's*, *ecards*, vídeos, mensagens, documentários para enviarem aos estudantes, etc.; o acervo produzido, processualmente, é disponibilizado sistematicamente e com frequência semanal/quinzenal/mensal nas redes sociais criadas e mantidas pelos contextos institucionais de cada escola.

Outra circunstância comum é o fato de que, mais coletivamente, passamos a nos familiarizar, como usuárias das plataformas específicas, *sites*, *drives* e modos de compartilhamentos e de trabalhos colaborativos na *web*.

É fato, que não sem obstáculos, parece evidente, que os(as) professores(as) deram um “salto” nas vivências, até então, experimentadas na docência: hoje, uma parte destes, grava e edita suas próprias videoaulas e busca ou transpõe atividades escolares aos meios digitais, *gamificação* ou como jogos eletrônicos, ou seja, realiza para suas aulas produções que contenham, notadamente, imagens-sons-movimentos, para especificidade do meio *online*.

Foi notório para nós, na pesquisa, que nem todos(as) os(as) professores(as) fizeram adesão a essa atitude, algumas resistências, imobilismos e objeções também puderam ser verificados na escola, como um gradiente. Mas, é possível admitir que uma ambiência se fez e as tecnologias da informação e da comunicação adentraram no ambiente escolar, trazendo elevado aumento no uso de novas ferramentas tecnológicas, que se integraram em nosso repertório de linguagens de uso social e educacional, constituindo-se, de tal forma, em aprendizagem docente, na vida pessoal e profissional. Um exemplo: muitos professores não tinham *Facebook* ou *Instagram*, passaram a ter; os professores que economicamente puderam, adquiriram equipamentos tecnológicos mais modernos para os usos que demandavam.

Dessa maneira, consideramos que uma cultura do *ciber* é uma produção sócio-histórica, fomentada por diferentes fatores, tanto no sentido econômico, que envolve garantias de acesso e questões de mercado quanto à apropriação e criação de novas interações sociais, extensivo à

normalização, atualização/renovação das mentalidades. Por isso, entendemos também que tem envolvido nessa “[...] um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona” (FOUCAULT, 2003, p. 251).

Estaríamos destinando excesso de otimismo e uma análise positiva dos esforços que os(as) professores(as) investiram para produzir essas estratégias de ensino? Essa indagação conduz ao desdobramento que trazemos na seção a seguir, na qual apresentamos o perfil e as condições dos(as) discentes, por compreendermos que são complementares e interrelacionados à reflexão encetada sobre o contexto tecnológico-informacional contemporâneo.

### **Realidades e desafios do ensino virtual ou metapresencial para crianças e jovens da escola pública brasileira**

Podemos dizer que, antes da pandemia, nossa forma de ministrar aula estava circunstanciada e, ainda, arraigada na tradição de impressos e, quanto às tecnologias, ainda “analógica”, excetuando-se tímidas inserções, que ficam no modelo emissão-receptor “passivo” (no campo principalmente das mídias tradicionais de comunicações com TV, rádio, impresso) ou a lógica audiovisual (dos *media* de massa), como assevera Cádimo (1999).

O tempo que se mostra a nós na contemporaneidade, quanto ao tema das tecnologias e da ciberultura, avança de suas fases mais iniciais analógicas, ou de modelo instrucional e de *learnig*, para formas muito mais complexificadas, dinâmicas, rizomáticas (DELEUZE; GATARRI, 1999). O que se estabelece hoje são contextos *da intertextualidade* – com a possibilidade de estabelecermos multiconexões com *sites* ou documentos múltiplos e simultâneos; *da intratextualidade* – múltiplas possibilidades de tarefas e comunicações interativas e interconectivas com o mesmo documento; *da multivocalidade* – possibilidade de lidar e articular com múltiplos pontos de vista, que enriquecem e agregam informações e conhecimentos; *da navegabilidade* – acesso, rapidez e transparência na circulação das informações; *da mixagem* – com as possibilidades do uso articulado a várias linguagens, unindo sons, escrita/texto, imagens, gráficos, cartografias); *da multimídia* – com a integração de vários suportes de mídias, digitais e informacionais (SANTOS, 2003; SILVA, 2010).

Amparadas nas ideias de Lemos (2002) e Lévy (1999), Santos (2010), os estudos estabelecem que: “Na ciberultura, a lógica comunicacional supõe rede hipertextual,



multiplicidade, interatividade, imaterialidade, processo síncrono e assíncrono, multissensorialidade e multidirecionalidade”.

Finalmente, o dispositivo interativo, ao suspender a lógica audiovisual [dos *media de massa*], deixa também emergir progressivamente o fim da noção de receptor passivo. As novas navegações interativas serão, assim, uma nova libertação face à lógica unívoca do sistema mass-mediático predominante neste século XX. Doravante viveremos a superação [...] (CÁDIMO *apud* SILVA, 2010, p. 1).

Parece evidenciado que, quanto ao avanço sociotecnológico para a noção de ciberultura, ou cultura da *Internet*, a nossa maneira de ensinar e nossa atuação docente estão em suspensão, estamos como que no “meio do caminho” – alguns(as) professores(as) entraram nessa ambiência, claro, que em níveis diferentes de imersão; outros, hesitam em se apropriarem ou não detêm condições e/ou ferramentas para tal. Todavia, é certo afirmar que, hoje, pelo menos, sabemos que existem essas possibilidades, a encontramos de frente.

É impossível não termos o “impacto” dessas atuais tecnologias da informação sobre a escola, sobre as formas de ensinar dos docentes: como chegar a uma ciberescola - contexto da interatividade, da robótica, do *designers* e da computação gráfica e da multimídia, junto aos amplos recursos e as tecnologias dos *QR-Codes*, das ferramentas colaborativas para coprodução de textos, tarefas escolares e objetos de conhecimento, da interconectividades, múltiplos discursos e interações, buscas e trocas de conhecimentos?

Enfim, é fato que os atores desse contexto procederam a uma imersão na cultura tecnológica e digital. É como se tivéssemos nos deslocado, rapidamente, da geração *X* para a geração *alfa* e *Z*.

A vivência e experimentação *in loco* com a produção de aulas remotas, nesse período (com todos os desafios relatados na seção anterior), fazem-nos identificar, com preocupação, o abismo que está sendo gerado no âmbito do ensino remoto na escola pública brasileira. Notadamente, chamamos a atenção para a situação em que se encontram as crianças em fase de apropriação da leitura e da escrita e também aquelas público-alvo da educação especial, que não daria para abordarmos nesse texto, em função da amplitude dos dados que temos para reflexão, além de se afastar do foco deste artigo e da proposta deste dossiê. Todavia, oportunamente, registramos nossa preocupação com o agravamento de práticas excludentes em relação a esses estudantes nas escolas, em função do contexto da Pandemia e do trabalho remoto.

Algumas crianças estão há mais de um ano sem participar de nenhuma atividade pedagógica que possa promover um desenvolvimento educacional, seja no aspecto socioemocional, cognitivo ou motor. Escutamos, com certa frequência: “A educação das crianças e jovens sem a socialização, o abraço, o olho no olho, o compartilhar de ideias, dificilmente alcançará as expectativas de aprendizagem”, queixam-se pais e professores.

Em uma análise mais positiva, temos o fato de esse “novo” contexto de ensino metapresencial, ter envolvido “a duras penas”, é fato, os professores e sociedade em geral em iniciativas de caráter formativos, com aulas síncronas e presenças eram virtuais, *lives* com transmissão pelo *Youtube* e outras plataformas que visavam chegar até os professores todo o material formativo pedagógico possível: fomos “inundados” por informações, em uma quebra de fronteiras e muros; soubemos, mais do que nunca, de iniciativas, cursos e especialistas de todo o Brasil e do mundo na intenção de estender . Com as *lives*, autores exponenciais ficaram mais próximos, quando antes o acesso a tais *expertises* se dava apenas pela participação em congressos, que envolviam custos aos docentes. Muitos professores não conheciam grandes nomes da alfabetização, como Anne Marie Chartier, Magda Soares, Arthur Gomes de Moraes e Maria do Rosário Longo Mortatti, assim como da educação inclusiva, Maria Teresa Mantoan e Tony Booth, por exemplo. Com a proposta das *lives* realizadas por universidades de todo o Brasil e de inúmeros grupos de estudo, esses nomes ficaram conhecidos e até mais acessíveis.

Além das questões expostas, temos um *rol* de quesitos a serem elencados quanto à incorporação desses recursos tecnológicos que já tardava à escolarização das novas gerações. Os multiletramentos, envolvendo o letramento digital, do ponto de vista geracional, fazem-se importantes, como contexto e via metodológica de aprendizagem dos sujeitos, para a educação, trabalho, sociabilidade e cidadania (PNE, 2008).

Ressaltamos que é preocupante o quadro socioeconômico e o perfil dos estudantes e professores da nossa escola pública quanto às condições básicas de, pelo menos, acessar as atividades desenvolvidas nos grupos de classe que se estabeleceram via aplicativos de celulares, com prevalência do *WhatsApp* - simulacro de uma aula e de mensagens que se destinavam a um arremedo de mediação pedagógica; e, das mensagens burocrático-administrativas das escolas. Esse aplicativo foi e continua sendo a ferramenta mais utilizada, segundo os respondentes das investigações que obtivemos sobre o tema (REVISTA BRASILEIRA DE ALFABETIZAÇÃO-REDE NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO, 2020).

É preciso situar que os avanços tecnológicos intensificam abismos sociais já existentes, agravam desigualdades e retificam processos excludentes. Essa situação atinge diretamente a escola pública e seus protagonistas. Nesse sentido, Santos (2020, p. 15) destaca que “A virtualidade implica uma nova dimensão de exclusão social, independente das possibilidades que pode oferecer para os processos de ensino e aprendizagem”. Em contrapartida, adverte sobre o contexto específico em que nos localizamos: “Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros [...]” (SANTOS, 2020, p. 15).

Assim, trazemos também neste texto a socialização sobre as dificuldades concernentes à escola pública, em pleno século XXI, na intenção do registro histórico e como atitude política de desagravo do que vivenciamos:

- i. *Internet* ausente, de capacidade limitada, incompatível para assistir videoaulas, acessar plataformas e/ou momentos síncronos; algumas famílias sequer têm condições de ter acesso à *internet* (temos também aqueles que mesmo tendo acesso, e possuindo as ferramentas, não sabem utilizá-las em formas e potencialidades de acesso e de uso).
- ii. Elevado índice de ausências de estudante nas aulas, repercutindo em um grande quantitativo de crianças não atingidas com o ensino remoto (por consequência, ocorre a não interação com todos os estudantes, evasão ou abandono).
- iii. Público composto por crianças, daí a necessidade de um adulto-mediador, mais capaz no uso da tecnologia e/ou com autonomia para iniciar as aulas ou acessar materiais e atividades, nos *drives* da escola ou nas plataformas institucionais e/ou naquelas disponíveis nas mídias sociais.
- iv. Ausência de equipamentos tecnológicos adequados; precário ou nenhum acesso das famílias às tecnologias digitais (temos famílias, por exemplo, que possuem telefone de gerações tecnológicas anteriores àqueles que possibilitam acesso a redes sociais, como *smartphones*).

Cabe destacar o cenário quanto às bases tecnológicas para o ensino, em termos de Brasil, que se apresenta com o seguinte perfil: mais de 4,5 milhões de brasileiros sem acesso à *internet* banda larga e mais de 50% dos domicílios da área rural não possuem acesso à *internet*. Em uma realidade em que 38% das casas não possuem acesso à *internet* e 58% não têm computador (ANDES, 2020, p. 14).

As informações retrocitadas nos fazem ponderar sobre a cibercultura, a escola e seus agravantes. Vimos que são múltiplos os fatores que se somam para a exclusão dos estudantes pobres de escola pública de um contexto que pudéssemos designar cibernético: preocupante também se faz pensar que mesmo depois de ter se passado mais de um ano do início das aulas remotas, ainda há crianças que não participaram da rotina das atividades, nesse modelo de ensino que lidamos: “As rodas de conversas e de contação de histórias agora foram substituídas pelos precarizados áudios de *WhatsApp* tentam dirimir os impactos sociais, mas quiçá pudesse em meio ao caos” (PROFA. DO 2º ANO, REGIONAL VI).

Fica evidente uma fissura social que se estabelece, em uma situação que se retroalimenta: as desigualdades socioeconômicas, de professores(as) e estudantes, causam impossibilidades de acesso a um contexto que se queira cibernético para uma docência e para o processo de ensino-aprendizagem.

Em contraste, emergem evidências de coexistir um processo de “inclusão” e de “letramento” digital dos protagonistas da escola: infelizmente, ainda, com marcas de um processo de inclusão e de letramento “subalterno ou periférico e seletivo”.

Nessa perspectiva, muito embora não extensiva a todos os sujeitos de forma ampla, temos os processos de letramento digital em curso, para o qual, o estímulo, a mediação docente e o papel da escola se fazem importantes para democratização e cidadania. Parece coerente afirmar que existe uma cibercultura já instaurada no contexto educacional, com todos os seus limites e desafios, e apesar destes!

Importante aproximar os dados das distintas fontes/pesquisas que temos: i) por um lado, se propagam as queixas e os relatos sobre as dificuldades/entraves vivenciados para uso dessas novas tecnologias a fim de realizar as aulas de forma remota, etc.; ii) por outro lado, informações que apresentam possibilidades de leituras mais positivas: relatos e registros de observações coletadas, aliadas às nossas próprias imersões como educadoras de quatro instituições educacionais distintas. Dois vértices de análise ao fato.

O momento é também de riscos, presente nas falácias de discursos contra a escola presencial, por alegações partidárias e negacionista, inflando defesas de *homeschooling*, por exemplo, ou difusão de ensino a distância (EaD), híbrido ou semipresencial para as crianças e jovens do nosso país.

Cumpra registrar que temos reunido narrativas quanto a um estado de cansaço no qual estão se sentindo imersos(as) os(as) professores(as). Seria o contexto de uso das tecnologias responsável por esse estado de abalo à saúde física e mental que essas docentes relatam?

Na realidade, desconfiamos que a sobrecarga vem do esforço e do investimento de energia e de tempo envolvido para a apropriação desse “novo”, em paralelo, à atividade laboral; e, acrescido, temos as dificuldades relacionadas ao ambiente laboral ter passado para dentro das casas/residências, o que elevou as funções realizadas diariamente, o que mostra a “[...] discriminação e a desigualdade étnico-racial, de gênero e de classe social”, segundo Nörnberg (2020, p. 58).

Outrossim, ficamos sujeitos a novos problemas de saúde, também, antes não existentes, como, por exemplo, a infotoxidade, doença causada pela sobrecarga nociva nas vias de processamento cognitivo, excesso de sedentarismo diante das horas contínuas de exposição a telas e ecrãs, dentre outras causas e sintomatologias.

## Considerações finais

Ao longo deste texto, disponibilizamos relatos e informações sobre as produções e experiências docentes vivenciadas no contexto de ensino remoto, como forma de pensar as possibilidades de inovações pedagógicas ao ensino, considerando o referencial da ciberultura. Interessou-nos pôr em diálogo o ensino remoto e a noção de ciberultura.

Teríamos constatações de aprendizagem e repercussão na produção e implementação de novos saberes e novos fazeres docentes? Na investigação procedida verificamos diversas repercussões advindas desse período do ensino remoto e do “desenho” e demandas estabelecidas para os sujeitos protagonistas da educação.

Vale ressaltar, que houve, em certa medida, uma (re)configuração do processo de ensino e de aprendizagem, que, com a pandemia, muitos desses meios e plataformas se popularizaram e se modernizaram. A telefonia celular e seus tantos serviços ofertados também têm seu espaço nesse “favorecimento da aprendizagem”. Os(as) professores(as) de todo Brasil agiram nesse sentido de se (re)inventar e aprender um novo *modus*



de fazer e com pouco ou nenhum subsídio de políticas públicas para o ensino que se avizinhou: remoto-emergencial e de precariedade, na ausência de equipamentos e condições estruturais (e emocionais) para tal. Mas, os(as) professores(as) seguiram fazendo!

Algumas facetas de um mesmo problema, agudizado pelos desafios para o exercício da profissão docente em tempos de crise: ausência de políticas públicas de atenção aos(as) professores(as); ausência de políticas de incentivos digitais (*internet* e aparatos tecnológicos); docentes e discentes, igualmente, são desamparados(as), tanto estruturalmente e informacionalmente pelo poder público, sem políticas de subsídios de acesso a acervos e equipamentos tecnológicos. As multinacionais e o grande capital econômico, a serviço do cibernético, trouxeram as salas de aulas virtuais interativas, as plataformas de hipertexto, com possibilidades de coescrita com diferentes interlocutores, em distintas localizações geográficas, além da tecnologia *mobile*, *touch screen* (tela tátil), etc. Não para todos, isso é fato.

De fato, devemos compreender que da forma que nos foi possível realizar o ensino remoto emergencial, não contemplamos um ensino de qualidade para nossas crianças e/ou até acentuamos a exclusão social a que muitos já estavam sujeitos. Mas, de certo, buscamos e estratégias e experimentamos as possibilidades de realizá-lo.

Será que depois de tudo que vivemos e fizemos, teremos constituído um novo e outro acervo de saberes e disposições para produzirmos uma escola diferente, no pós-pandemia?

## REFERÊNCIAS

ANDES-SN. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN. Grupo de Trabalho de Política Educacional. **Projeto do capital para a educação, volume 4: O ensino remoto e o desmonte do trabalho docente**. 2020. Disponível em: [https://issuu.com/andessn/docs/cartilha\\_ensino\\_remoto](https://issuu.com/andessn/docs/cartilha_ensino_remoto). Acesso em: 05 jun. 2021.

BRASIL/CNE. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2020** – apresenta a Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. 2020b. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14511-ppc005-20&category\\_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-ppc005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192) Acesso em 14 fev. 2021.

BRASIL/CNE. **Parecer CNE/CP Nº: 11/2020** – apresenta as Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. 2020.



BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº: 5/2020.** Reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. 2020. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 27 mar. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Ed. 34/1995, 4ª reimpressão, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra; 2000.

FOUCAULT, M. de A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Vozes, 1996

GATTI, B.; BARRETTO, E. S. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: UNESCO, 2009.

KASTRUP, Virginia. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre. Sulina. 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo. Editora 34, 1999.

LUSTOSA, Francisca Geny. FIGUEIREDO Rita Vieira de. **Inclusão, olhar que ensina!** A construção de práticas pedagógicas de atenção às diferenças. 1ed. Fortaleza/CE: Edições UFC, 2020 (Estudos da Pós-graduação). [Livro eletrônico. ISBN: 978-65-88492-69-7].

Revista Brasileira de Alfabetização. Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia Covid-19 - Relatório Técnico (Parcial). **Revista Brasileira de Alfabetização, n. 13, 2020.** Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465>. Acesso em: 05 maio 2021.

SÁNCHEZ, C. M. Joaquín Fuster: “En el aprendizaje, nada sustituye al estímulo del maestro”. **XL Semanal.** 2020. Disponível em: <https://www.xlsemanal.com/personajes/20201127/joaquin-fuster-neurociencia-educacion-entrenar-cerebro>. Acesso em: 10 maio 2021.

SANTOS. B. S. **A cruel pedagogia do vírus.** Coimbra: Ed. Almedina, 2020.

SISTEMA DE ENSINO APRENDE BRASIL. Filhos em casa: como pais devem participar da vida escolar das crianças. **SINEPE/RS,** Porto Alegre, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/filhos-em-casa-como-pais-devem-participar-da-vida-escolar-das-criancas> . Acesso em: 27 mai. 2021.

## AGRADECIMENTOS



À Fundação Cearense de Pesquisa (FUNCAP) pela concessão de recursos para a pesquisadora da UFC, uma das autoras deste texto, sob a forma de apoio à execução de atividades dos projetos ou grupos de pesquisa, no âmbito do Edital 03/2019 (DEP-0164-00190.01.00/19 SPU Nº: 1910584883), relevantes para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação no estado do Ceará.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.